



Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro¹

Flávia Lúcia Bazan Bespahok²

Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência da Emissora Continental do Rio de Janeiro, que na década de 1950 protagonizou o uso da reportagem externa e ao vivo na cobertura jornalística. Por meio de pesquisa bibliográfica e relato de repórteres e locutores que trabalharam na Continental procura recompor a forma de trabalho da equipe de jornalismo, então chamada de “Comandos Continental”, uma criação de Carlos Pallut.

Palavras-chave

Reportagem Externa; Radiojornalismo; História do Rádio; Emissora Continental do Rio de Janeiro; “Comandos Continental”.

Introdução

Desde 1922, quando surgiu no Brasil, o rádio vem experimentando muitos formatos de programas. Se no início o primeiro veículo eletrônico literalmente copiava os jornais impressos, no caso do jornalismo, com o passar dos anos foi buscando formas próprias para narrar os fatos. Este artigo resgata a experiência da prática da reportagem externa protagonizada pela Emissora Continental do Rio de Janeiro, na década de 1950. A literatura acerca do assunto é escassa, mas todos os autores³ são unânimes em afirmar que a iniciativa foi pioneira, transformou o radiojornalismo brasileiro e tornou-se modelo para outras emissoras.

Para recuperar esse trecho da história do rádio brasileiro, adotamos a técnica da entrevista em profundidade e trazemos neste artigo relatos de antigos repórteres e locutores da emissora. Entendemos que ao se conhecer mais a fundo a experiência de

¹ Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² É jornalista, docente do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina – Paraná e mestranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, campus de Bauru/SP.

E-mail: flabespa@onda.com.br

³ FELICE (1981), MOREIRA (2000), ORTRIWANO (2002/2003), ZUCULOTO (2004).



reportagem externa praticada pela Continental podemos contribuir para uma melhor compreensão e utilização dos formatos na produção radiofônica brasileira.

Parceria com a informação

O rádio completa, em setembro de 2005, 83 anos de história no Brasil. O veículo atingiu seu auge na década de 1940, sobreviveu à chegada da TV, reinventou-se a si próprio com o surgimento de novas tecnologias e hoje, vivendo num mundo cada vez mais globalizado e imagético, ainda desfruta de espaço garantido entre os ouvintes. Em pleno século XXI, o rádio ainda é o campeão de audiência entre os meios de comunicação de massa eletrônicos das seis horas da manhã às sete horas da noite. Seu “horário nobre” dura, portanto, 13 horas enquanto que na TV os picos de audiência se concentram entre as 19 e 22 horas.

O rádio tem seu espaço garantido entre os meios de Comunicação de Massa principalmente por ser um veículo que consegue transmitir uma informação simultaneamente à ocorrência do fato⁴, permite mobilidade ao receptor⁵ e também ao emissor, tem baixo custo e admite que o ouvinte divida sua atenção com outros afazeres. É por esses e outros motivos que Eduardo Medistch (2001a) sentencia:

[...] a utilidade deste tipo de serviço não está e nem será superada tão cedo em nossa civilização. Cada vez mais, as pessoas vão precisar ser informadas em tempo real a respeito do que está acontecendo, no lugar em que se encontrem, sem paralisar as suas demais atividades ou monopolizar a sua atenção para receber esta informação.

Aliás, o rádio e a informação sempre caminharam juntos. Desde os tempos do pioneiro Roquete Pinto e da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que a parceria se estabeleceu. Valci Zuculoto (2003, p.16) conta que o primeiro informativo, “Jornal da Manhã”, era produzido de forma precária por Roquette Pinto: “Em casa, ele lia os jornais, marcava as notícias que considerava mais interessantes. E após, por telefone, entrava no ar para apresentar o informativo, lendo os fatos que havia selecionado e fazendo comentários”.

Esse relato mostra que o radiojornalismo brasileiro começou sem reportagem, portanto sem a voz do repórter ou das fontes. Tinha-se, desde o início, a

⁴ A TV e a Internet também têm esta característica, mas o rádio ainda é o mais imediato entre os três.

⁵ Depois da miniaturização dos aparelhos o rádio pode “acompanhar” o ouvinte aonde quer que ele vá.

figura do apresentador que narrava as notícias ou fazia comentários. Isso se explica pelo fato de os primeiros jornais falados serem cópias dos jornais impressos. “As primeiras duas décadas do rádio no Brasil foram consagradas à leitura dos jornais impressos no ar. Os locutores, chamados *speakers*, não faziam cerimônia em ler as notícias diretamente do jornal ou recortá-las destes”. (KLÖCKNER, 1998, p. 110)

A ausência da reportagem no rádio assemelha-se ao ocorrido no surgimento da imprensa. Nilson Lage (2001, p.9) aponta que “a reportagem como atividade não existiu ou era irrelevante em 200 dos 400 anos da história da imprensa”. Vale aqui ressaltar a diferença entre notícia e reportagem. Prado (1989, p.48) explica que a notícia é a estrutura mínima da informação radiofônica, “concisa, simples e formalmente neutra”. Já a reportagem é uma “agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema” (PRADO, 1989, p.85). Lage (2001, p.38) completa dizendo que a notícia está centrada no fato, já a reportagem explora as implicações de um fato e procura “levantar antecedentes, em suma, investigar e interpretar”.

Mesmo quando o radiojornalismo começou a ganhar espaço e credibilidade, na década de 1940, tendo como expoentes o “Repórter Esso” e o “Grande Jornal Falado Tupi”, destacaram-se os apresentadores, que segundo Zucoloto, liam, principalmente, as notícias vindas das Agências de Notícias.

O radiojornalismo que começa a se consolidar nessa fase tem, como principal, quase exclusiva, fonte de informações, as agências de notícias, que influenciam e ditam rumos ao jornalismo praticado no Brasil, especialmente o de rádio, e isso tanto no formato quanto no conteúdo. (ZUCOLOTO, 2003, p. 20)

A reportagem, com a presença do repórter e voz das fontes, só aparece na década de 1950. “A reportagem, no sentido de prática para a captação de informação, vai aparecer com mais força na fase seguinte” (ZUCOLOTO, 2003, p.31). Ortriwano (2002/2003, p.79) conta essa transição com mais detalhes:

No final da década de 50⁶, outra experiência dentro da estrutura que estava sendo sedimentada no radiojornalismo marca o início de modificações profundas nos jornais falados quando a Rádio Continental do Rio de Janeiro torna-se a primeira emissora brasileira especializada em reportagens externas, uma criação de Carlos Pallut.

⁶ Nota da autora: Embora Ortriwano (2002/2003), e também Felice (1981) e Moreira (2000), sustentem que a reportagem surgiu no final da década de 1950, os entrevistados para esta pesquisa, que trabalharam na rádio Continental, afirmam que a reportagem surge bem antes, em 1951, como veremos adiante.

Um fato a ser ressaltado é que o rádio tentava então se reestruturar depois da chegada da televisão, em 1950, e um dos pilares de apoio para essa reestruturação foi o jornalismo. Ortriwano (2002/2003, p.70-71) cita que muitas emissoras apostaram alto no jornalismo e implantaram modificações como a Rádio Bandeirantes AM, que começou a fazer jornalismo de opinião; a rádio Jornal do Brasil, que adotou por seis anos o modelo de emissora all news e introduziu o serviço de utilidade pública; a Rádio Panamericana, que transformou o jornalismo em espinha dorsal da programação, montando uma equipe de jornalismo bem estruturada e investindo em reportagens de rua e a Rádio Gaúcha AM, de Porto Alegre, que desde o final da década de 1950 tem como ponto forte o radiojornalismo.

A experiência da Continental

A Emissora Continental também apostou na informação para ocupar um espaço de destaque. A rádio surgiu em 1948 com sede em Niterói, onde ficava o estúdio de transmissão principal e de onde eram veiculados os anúncios e a programação musical. Um outro estúdio ficava no Rio de Janeiro, inicialmente na avenida Rio Branco⁷, de onde era transmitida a programação jornalística e esportiva.

De propriedade de Rubens Berardo, que foi deputado federal e vice-governador do Rio de Janeiro, a Continental ganhou o nome de “Emissora Continental” para se diferenciar de uma loja de discos do Rio de Janeiro que se chamava “Rádio Continental”. A emissora foi estruturada pelo locutor esportivo Gagliano Neto, que ocupou o cargo de primeiro diretor superintendente da emissora. Gagliano criou “um formato radiofônico novo: o de música-esporte-notícia, embora a rádio procurasse se concentrar mais na informação e na cobertura esportiva em detrimento da programação musical” (FERRARETO, 2000, p.139). Essa informação é confirmada por Carlos Alberto Vizeu⁸ ao relatar que a música “entrava para tampar buraco” e era interrompida a qualquer momento para a veiculação de informação. Carlos Alberto Vizeu também salienta o fato da emissora ter preocupação com a prestação de serviço:

A rádio Continental foi a rádio mais moderna da década de 50 porque ela apresentou uma programação voltada para uma coisa, que hoje o rádio se

⁷ Depois a emissora se transferiu para a Rua Riachuelo, no. 48.

⁸ Trabalhou na emissora na década de 60 como responsável pelo programa “Rio Boa Tarde” que ficava no ar das 13 às 18 horas. É sobrinho de Carlos Pallut. Entrevista pessoal concedida no dia 12 de setembro de 2004.

preocupa, chamada serviço. A Continental fazia isso desde 1950 durante toda a programação. A programação da Continental era ao vivo, o tempo inteiro, as músicas eram secundárias.

É importante lembrar que na década de 1940 o rádio havia atingido a sua “época de ouro”, primava pelo espetáculo e entretenimento em grandes programas de auditório, “tinha suas orquestras próprias, músicos e cantores contratados, um verdadeiro *broadcast* que alcançava imenso sucesso, exatamente por estar nas ondas do rádio” (ZUCULOTO, 2004, p.35). As grandes emissoras, como a Rádio Nacional, a Mayrink Veiga e a Tupi transmitiam para todo o país e tinham *casts* enormes que incluíam músicos, maestros, cantores, atores e atrizes.

Como a Continental era uma emissora pequena e de baixa potência, deu prioridade à informação e não tentou competir com as grandes do Rio de Janeiro, que, na avaliação de Carlos Alberto Vizeu tentavam sempre copiar a Rádio Nacional: “O rádio vivia muito em função da Rádio Nacional. Era a Rádio Nacional que comandava tudo, então a Continental, quando ela surgiu, surgiu com suas próprias pernas”.

Um dos slogan adotados pela Emissora Continental foi “100% esportiva e informativa”. Embora a tecnologia ainda precária impusesse muitos empecilhos, a Continental investia nas reportagens. Mauro de Felice (1981) relata que os gravadores eram grandes, pesados e precisavam ser transportados por mais de uma pessoa, num trabalho conjunto de operadores e repórteres. “Muito trabalho tinha de ser gravado. Carlos Pallut levantava os assuntos, realizava as gravações e posteriormente eles eram levados ao ar” (FELICE, 1981, p.69). Jorge Sampaio⁹, que muitas vezes passou pela experiência de fazer gravações e reportagens externas, relembra como eram difíceis os tempos dos pesados gravadores:

Antigamente [o gravador] era um trambolho, a máquina de gravar era um trambolho, coisa enorme, pesada. [Precisava de] mais de uma pessoa [para carregar]. Geralmente tinha o locutor - o repórter -, o operador e o auxiliar, que muitas vezes era o próprio motorista. O motorista ajudava a carregar a máquina. **Carregar a máquina**, imagina?! Hoje você tira do bolsinho um gravador e grava e passa ao mundo inteiro, via satélite ou você passa o que quiser. Antigamente era um trambolho, pesava o que? Mais de 20 quilos.

⁹ Começou na Continental em 1949, inicialmente como locutor. Entrevista pessoal concedida no dia 14 de outubro de 2004.

É importante frisar que outras emissoras também realizavam reportagens gravadas, mas de forma incipiente. Ary Vizeu¹⁰, que começou no rádio ainda na década de 1930 e passou por muitas emissoras confirma:

Pouquíssimas estações tinham departamento de jornalismo. Não existia isso [...] Eu estava na Rádio Nacional e ainda naquele tempo a Rádio Nacional fazia os pingos, quer dizer homeopatia, coisa pequena de reportagem. Não tinha esse negócio de sair para fazer reportagem. Fazia-se muita escuta. Cada um tirava uma notinha da outra estação e aí formava o radiojornal.

Em dezembro de 1951, depois de apenas três anos de funcionamento, a programação informativa da Continental¹¹ já previa pelo menos três noticiários a cada hora, todos com duração de três minutos: aos dez minutos, de cada hora, entrava o “Informativo D8”, aos 30 minutos o “Repórter Continental” e aos 50 minutos o “Repórter Carioca”. A programação também estabelecia um “Boletim Esportivo”, que entrava aos 20 minutos de cada hora, as Sínteses Noticiosas: “O que dizem os Matutinos”, às 9h40 e “O que dizem os Vespertinos”, às 15h40, ambos com duração de 5 minutos e ainda “Atualidades Mundiais”, que ia ao ar às 10h, 14h, 18h e 23h (os três primeiros tinham duração de 5 minutos e o último de 10 minutos).

Além desses horários pré-fixados a rádio passou a fazer muitas transmissões externas ao vivo, inicialmente de partidas esportivas, mas depois essa prática, segundo Edileuza Soares (1994), foi estendida ao jornalismo, numa iniciativa de Carlos Pallut, como confirma Carlos Alberto Vizeu (2004): “A cobertura [jornalística] nasceu do Pallut, isso ninguém pode tirar dele. Foi ele quem trouxe a cobertura de carnaval, que foi o embrião, foi o primeiro passo para o que ele queria, que era fazer a cobertura dos grandes acontecimentos”.

A primeira cobertura de carnaval mencionada por Carlos Alberto Vizeu aconteceu em 1951¹². Nesse ano, numa atitude pioneira, Carlos Pallut resolveu transmitir ao vivo todos os dias do carnaval carioca. Para isso montou um posto na avenida Rio Branco, em frente à rádio, que era a principal passarela do samba na década de 1950. Essa primeira cobertura do carnaval idealizada por Pallut é chamada por Jorge Sampaio de “empírica, porque nós não tínhamos experiência nem material pra isso,

¹⁰ Trabalhou na emissora na década de 60 como repórter e chefe de redação. Foi um dos criadores do “Clube dos Papagaios”, que se transformou depois na Associação dos Rádio-Repórteres. Entrevista pessoal concedida no dia 12 de setembro de 2004.

¹¹ Dados extraídos da programação do dia 27 de dezembro de 1951 e cedidos por Paulo Caringe.

¹² Carlos Alberto Vizeu, Ary Vizeu, Jorge Sampaio e Saulo Gomes confirmam essa mesma data para a primeira transmissão de carnaval e subsequente início das coberturas jornalísticas.

material técnico”. Um posto apenas foi montado na avenida Rio Branco e, segundo Sampaio, lá se revezavam ao microfone Carlos Pallut, sua esposa Alba Regina, Afonso Soares, Dalvan Lima, Manoel Jorge e o próprio Jorge Sampaio¹³. Nos anos seguintes a transmissão ao vivo do carnaval tornou-se tradição no Rio de Janeiro e as rádios começaram a competir para ver quem fazia a melhor cobertura. No ano de 1954, segundo informações extraídas do “Plano para a grande cobertura radiofônica do carnaval de 1954” elaborado pela “Divisão de Imprensa Falada” da Continental, foram instalados 20 postos de irradiação, sendo 18 fixos e 2 volantes. No ano anterior a Continental havia trabalhado com 16 postos, como informa o mesmo documento.

O formato de cobertura externa e ao vivo do carnaval foi transportado para os fatos marcantes do Rio de Janeiro, segundo Carlos Alberto Vizeu, e a partir de então, “quando tinha um grande acontecimento a Continental caía em cima”. Essa nova fórmula para o jornalismo elevou a condição da emissora perante o público na visão de Jorge Sampaio:

A Continental fez um gol, que nós chamamos um gol de letra, pelo seguinte, porque depois de 1951 a notícia passou a ser a vedete do rádio [...] e a Continental passou a ter um prestígio muito grande. Quando se queria ouvir alguma notícia, inegavelmente se botava onde? Na Continental, porque a Continental ia até o fato, onde ele acontecesse estava um repórter presente.

Um dos slogans da Continental reforçava exatamente essa idéia: “a que está em todas”. O desenvolvimento do formato se deu com a criação dos “Comandos Continental”. A emissora passou a usar dois carros da marca Dodge que foram transformados em unidades móveis de transmissão: o RC1 e o RC2. Os carros foram adquiridos por meio de permuta, aí o motivo de mais um slogan “Os ‘Comandos Continental’ usam carro Dodge porque não podem parar nem falhar”. Segundo relato de Carlos Alberto Vizeu, um carro ficava encarregado de cobrir as pautas previamente agendadas e o outro percorria a cidade em busca do inusitado e do inesperado. A ordem de Pallut era que os repórteres fossem em busca de assuntos de interesse da cidade e prestassem um serviço ao cidadão falando de incêndios, assaltos, desabamentos ou enchentes.

¹³ A esta relação dos participantes da primeira cobertura, Afonso Soares, em depoimento ao vídeo-documentário “Rádio no Brasil, 1922-1990, produzido pela Tele Tape, TVE Rio de Janeiro e Art Plan, acrescenta o repórter Milton de Souza.



Foram muitas as tragédias transmitidas pelos “Comandos Continental”. Aos poucos a equipe de Pallut se tornou conhecida na cidade e plantou “informantes” em locais chave, como delegacias de polícia, hospitais e corpo de bombeiros. Jorge Sampaio fez parte da primeira equipe dos “Comandos Continental” e se recorda como a emissora conseguia chegar rapidamente aos fatos.

A Continental passou a gratificar as pessoas que trabalhavam como telefonistas. Por exemplo, no corpo de bombeiro. [...] Pallut dizia [para o soldado encarregado do telefone]: você podia ligar para esse número quando houver uma saída? Então o soldado, ao chamar o carro para combater o fogo, também ligava para a Continental. Muitas vezes nós chegávamos na frente dos bombeiros, quer dizer estávamos em todas.

A equipe também era pautada pelo “Repórter Esso”. Saulo Gomes¹⁴ conta como era essa relação dos “Comandos” com o informativo.

O “Repórter Esso” dava a sua notícia bem objetiva, em três ou quatro linhas, na voz do Heron Domingues. O que nós, “Comandos Continental”, fazíamos? Imediatamente íamos para a rua e, minutos depois, um de nós ou todos nós da equipe do Pallut já estávamos cobrindo o acontecimento. Então aquela notícia virava uma reportagem de duas ou três horas ou de dois ou três dias.

Ficar no ar transmitindo um acontecimento era comum na Continental. Saulo Gomes relata que a equipe ficou quatro dias fazendo a cobertura de um acidente entre dois trens, na estação de Mangueira.

Nós fomos todos para o local e lá permanecemos durante quatro dias, cobrindo o acontecimento, acompanhando as equipes médicas. Muitas pessoas ficaram presas nas ferragens, às vezes eles amputavam braços e pernas no local para salvar as pessoas. [...] E assim era em todos os assuntos.

Além de repórteres na estação de trens, a equipe se espalhou pelos hospitais e pronto-socorros que recebiam os feridos, Instituto Médico Legal, casa de familiares, prefeitura e secretarias municipais. Para que a cobertura se viabilizasse em situações como essa, segundo Saulo Gomes, o jornalismo precisava negociar com o departamento comercial.

A gente prosseguia o mais possível com a notícia. O Pallut, que ficava na retaguarda, acertava com o comercial. O comercial avisava aos anunciantes que eles iam dar uma compensação depois. Havia momentos que se evitava dar o comercial pra gente não perder o embalo, porque éramos muitos de nós no ar naquela hora.

¹⁴ Entrou na Continental em 1955, depois de participar de um concurso para a contratação de novos integrantes dos “Comandos”. Entrevista pessoal concedida no dia 12 de julho de 2004.

Esse formato de reportagem ao vivo praticado pela Continental é o que hoje chamamos de Edição Extraordinária: “se refere a acontecimentos importantes, cuja divulgação é oportuna, interrompendo qualquer programa” (ORTRIWANO, 1985, p.92). A autora ressalta ainda que, nesses casos, toda a programação da emissora pode ser interrompida para que o fato seja esgotado “[...] enquanto houver novidades a apresentar” (ORTRIWANO, 1985, p.92). Atualmente esse tipo de cobertura se restringe a poucos fatos considerados de extrema importância. Entretanto pode-se apontar pelos relatos que esse formato fazia parte do cotidiano da emissora. A transformação da notícia em reportagem também fica evidente, uma vez que os “Comandos” buscavam ampliar o leque de entrevistados espalhando-se por toda a cidade e com isso procuravam investigar causas, desdobramentos e aprofundando a informação inicial.

Outra cobertura, que indica a forma peculiar de trabalho dos “Comandos” foi o desabamento de um prédio, ocorrido no início dos anos 1960. Carlos Alberto Vizeu estava com Carlos Pallut quando ele foi avisado da queda de um edifício residencial em Laranjeiras, um bairro da cidade do Rio de Janeiro.

Nós chegamos lá e não havia ninguém ainda. Pallut conseguiu um telefone no prédio da frente e começou a transmitir sem parar, até chegar o carro com mais equipamento e repórteres. Ele ficou lá transmitindo umas três ou quatro horas contando o que via do desabamento.

Observa-se a atenção da equipe com o que se passava na cidade e o ímpeto pelo imediatismo. O uso do telefone para apurar os fatos e transmitir em primeira mão as informações também chama a atenção. Deve-se salientar que não havia muitas linhas telefônicas no Rio de Janeiro da época e pedir a instalação de linha para fazer uma cobertura demorava vários dias. A equipe, então, usava do prestígio para emprestar telefones das residências, como informa Teixeira Heizer¹⁵.

Na sua casa você tem telefone. A sua casa é a mais próxima do local onde eu tenho que transmitir. Então eu te peço licença para usar o seu telefone. [...] As pessoas tinham prazer [em ceder os telefones] porque a emissora Continental era um estado d'alma. O Rio de Janeiro se orgulhava da Continental.

Para fazer esse tipo de transmissão a equipe usava a técnica de “matar” o telefone, ou seja, com *plugs* chamados de *jacarés* ligavam microfones ou gravadores

¹⁵ Entrou em 1954, como locutor de estúdio e depois passou a fazer parte da equipe de esportes. Apresentava um dos jornais da emissora e também participava das coberturas extraordinárias do jornalismo. Entrevista pessoal concedida no dia 13 de outubro de 2004.



diretamente na fiação do telefone e tinha-se uma conexão direta e ininterrupta com a emissora. Mas o telefone também era muito usado para a apuração de informações que chegavam à emissora como relembra Jorge Sampaio:

Como é que se apurava uma notícia? Por exemplo, aqui o número é 212, houve um incêndio no 210, a gente ligava pro 212. É verdade? Está acontecendo isso aí? Ai a pessoa confirmava: sim, está acontecendo. Então nós dávamos a notícia, já a caminho pra chegar no local e concretizar.

Essa forma de usar o telefone marcou para sempre a carreira de quem passou pela escola de Pallut. Teixeira Heizer, quando dirigia a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 1989, usou das estratégias aprendidas na Continental para propiciar a cobertura do seqüestro do empresário Abílio Diniz em São Paulo.

Toda vez que acontece alguma coisa, eu tenho a mania de ir no catálogo telefônico. A primeira coisa que você tem que ver é se o nome da pessoa está ali. Eu fui no catálogo e vi onde era a casa do Abílio Diniz, vi os números laterais, e telefonei, aqui do Rio, pros números laterais.

Heizer conta que a Nacional estava com uma equipe de esporte em São Paulo – Loureiro Neto, Dalcei Camargo e Luiz Mendes – para a transmissão de um jogo. Teixeira negociou com o vizinho de Diniz o empréstimo do telefone e mandou Loureiro Neto para o local.

Eu botei ele no ar. Ele foi sozinho. Foi o primeiro a entrar, quer dizer, uma rádio do Rio foi a primeira a entrar porque eu tinha um catálogo. É importantíssimo você ter um catálogo telefônico. Qualquer coisa que aconteça no Brasil, eu vou no catálogo. Esse espírito era o espírito da Emissora Continental que naquele momento bateu em mim. Eu fiz exatamente as coisas que eu fazia na Continental.

Esse “espírito” da equipe fez com que os “Comandos” ganhassem notoriedade na cidade do Rio de Janeiro e por extensão, deu prestígio a todo repórter de rádio, que, segundo Felice (1981, p. 45) “fazia inclusive coberturas internacionais, sendo incluído em delegações de jornalistas que acompanhavam comitivas de autoridades no exterior”.

Esse auge, no entanto, durou pouco. Com a chegada da ditadura, esse quadro começou a mudar.

“Com o surgimento das agências de notícias nacionais, em substituição às agências internacionais, que no início da década passada [1970] foram proibidas de divulgar noticiário nacional, a função do repórter de rádio foi bastante minimizada. Hoje, são poucas as emissoras de rádio que possuem



repórteres e as que os mantêm o fazem em escala reduzida, destacando-os para coberturas especiais”.(FELICE, 1981, p.45)

Sem uma atuação expressiva dos repórteres, as agências, segundo Felice (1981, p. 46), passaram a divulgar informação em massa para vários clientes espalhados por todo o país. “Essa massificação da reportagem fez com que desaparecessem as grandes coberturas jornalísticas, a primazia que algumas emissoras chegaram a ter de transmitir aos seus ouvintes informações exclusivas, resultado de grande esforço de reportagem”.

Na busca pelos motivos que levaram ao declínio da reportagem, Ortriwano destaca também a censura. “A reportagem de longa duração não está mais presente no rádio. Esses aspectos todos estão muito relacionados com a retomada da vida democrática: sob censura, o jornalismo ao vivo não apenas perdeu espaço mas deixou de ter profissionais que soubessem exercê-lo.” (ORTRIWANO, 2002/2003, p.84)

Ortriwano observa a volta gradativa das reportagens. Ela aponta emissoras como a Eldorado e Bandeirantes, da capital paulista, que veiculam “reportagens em capítulos em que o assunto é dividido em partes, levadas ao ar uma por dia, podendo ser repetida, em edição integral, no final de semana” (ORTRIWANO, 2002/2003, p.84). Não se observa, entretanto, tantas coberturas ao vivo, como era praxe na Emissora Continental, mas o ressurgimento da reportagem mostra que o rádio tem uma série de opções de formato que podem servir para melhorar o jornalismo radiofônico tanto em termos de conteúdo quanto na questão da forma.

Referências bibliográficas

BAUMWORCEL, Ana. **Sonoridade e resistência: a Rádio Jornal do Brasil AM na década de 60.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

BIANCO, Nelia R. Del.; MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas.** Brasília: UNB, 1999

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio.** Brasília: Thesaurus, 1981.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 2000.

FEDERICO, M. E. Bonavita. **História da Comunicação: rádio e TV no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1982.



KAPLUN, Mario. **Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion.** [s.l.]: Ciespal, 1978.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso na história brasileira (1941-1945 e 1950-1954).** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica/Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

KLOCKNER, Luciano. **A notícia na rádio gaúcha.** São Paulo: Sulina, 1997.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais ...** Campo Grande, 2001a. CD-ROM

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo.** Florianópolis: Insular, 2001b.

_____. **Rádio e pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois.** São Paulo: Insular, 1998.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

ORTRIWANO, Gisela S. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, v. 56, p.66-85, dez./jan./fev. 2002/2003.

_____. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

_____. (org.) **Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais.** São Paulo: COM-ARTE, 1987.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A notícia no rádio pioneiro e na “época de ouro da radiofonia brasileira”. In: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Doris Fagundes. (organizadoras.) **Rádio brasileiro: episódios e personagens.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 15-34.

_____. As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** V.1, n.1, abril 2004, p. 34-45.